

GRAFITE SOBRE PELE: O DESENHO EXPANDIDO COMO FERRAMENTA CRÍTICA DA FORMAÇÃO EM ARTES VISUAIS

GRAPHITE ON SKIN: EXPANDED DRAWING AS A TOOL FOR CRITIQUING VISUAL ARTS EDUCATION

Thalita Amorim Corrêa Garcias¹
PPG-Artes/UFMG
Associado/a/e ANPAP: não

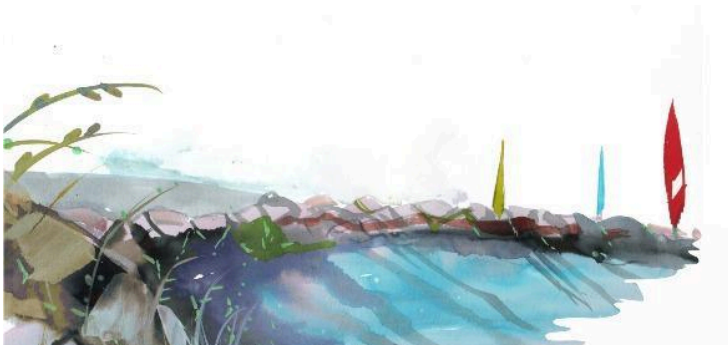
Resumo: Este ensaio visual é resultado de uma pesquisa artística que reflete sobre os limites impostos pelas divisões canônicas entre linguagens no ensino de Artes Visuais. A partir da experiência pessoal na habilitação em Desenho na Escola de Belas Artes da UFMG, surge a obra *Grafite sobre pele*, uma fotoperformance que provoca a definição tradicional de desenho. O trabalho se torna o início de uma série de obras que analisam criticamente a estrutura da instituição, explorando-a como matéria para a produção.

Palavras-chave: Desenho. Crítica institucional. Ensino de arte. Fotoperformance.

Abstract: *This visual work is the result of an artistic research project that discusses the limits imposed by the canonical categories between languages in Visual Arts education. Based on my personal experience studying Drawing at the School of Fine Arts of UFMG, I created "Graffiti on Skin", a photoperformance that challenges the traditional definition of drawing. The work becomes the beginning of a series of works that critically analyze the structure of the institution, exploring it as material for artistic production.*

Keywords: *Drawing. Institutional critique. Art education. Photoperformance.*

¹ Artista-pesquisadora, produtora cultural e discente no Programa de Pós-Graduação em Artes na Universidade Federal de Minas Gerais, na linha de pesquisa de Artes Visuais. Bacharel em Artes Visuais com habilitação em Desenho na EBA-UFMG. Sua pesquisa artística atual possui como foco a crítica institucional, transitando entre diversas linguagens, como a instalação, a performance e a fotografia e a intervenção urbana. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5618094432161819>.



O que é o desenho, afinal? Qual é o meu desenho? De que maneira preciso desenhar para poder estar aqui? Essas foram algumas das perguntas motivadoras para a criação da obra intitulada *Grafite sobre pele*, de 2023. O trabalho consiste em uma série de fotografias, que compõem uma fotoperformance, na qual exploro essa linguagem para provocar outra: a linguagem canônica do desenho.

Como estudante da habilitação de Desenho na Escola de Belas Artes da UFMG, o incômodo com a divisão entre categorias e linguagens da arte proposta pelo currículo vigente tornou-se ponto de partida para minha pesquisa artística. A estrutura atual do curso de Artes Visuais, dividida em áreas de especialização, remonta à sua formulação original na década de 1950, segundo a qual “os alunos optavam por uma especialização - pintura, gravura, escultura ou decoração – além de cursarem as disciplinas desenho e história da arte” (Tavares; Péret, 2024). No contexto da produção artística contemporânea, percebi que essa divisão rígida entre habilitações funcionava, para mim, como um fator limitante do processo criativo. Essa conclusão teve origem no início do percurso dentro da habilitação escolhida, a partir de falas que desconsideravam meus trabalhos como pertencentes à linguagem do Desenho — mesmo diante da noção já amplamente difundida do campo expandido, proposta por Krauss (1998), no século XX. Esse fato demonstrou um certo conservadorismo ainda presente em uma parcela da Escola no que se refere ao pensamento artístico contemporâneo.

Nesse contexto, passei a refletir criticamente sobre toda essa estrutura acadêmica e sua influência na formação dos alunos, ampliando a visão da minha experiência para uma perspectiva coletiva. A partir de conversas com colegas de ateliê, coletei depoimentos sobre a percepção de cada um sobre essa organização estrutural e um deles me chamou atenção: “o Desenho é uma esponja, absorve as produções que não cabem em outro lugar”. Ao me apropriar dessa fala, passei a visualizar cada habilitação como uma estrutura quase autônoma e corporificada. Utilizei a metáfora da esponja para materializar essa questão estrutural de forma direta: gravei em baixo-relevo, com estilete, a palavra “desenho” em uma esponja.

Posteriormente, o trabalho se desdobrou em uma fotoperformance, na qual manipulo a esponja e o grafite — um dos materiais tradicionais do desenho — para explorar outra maneira de desenhar. As fotografias, em escala de cinza, registram o desenho com a esponja suja de grafite, fazendo do meu corpo o suporte, na tentativa de, ao menos poeticamente, legitimar este a ocupar e afirmar a linguagem do desenho, mesmo que de outro modo.

Durante esse processo, vivenciei a importância da convivência coletiva nos ateliês e sua influência direta no desenvolvimento do meu processo de criação. Como em uma pesquisa de campo, estar na Escola — transitar, vivenciar e observar as relações entre os estudantes, professores e a instituição — tornou-se material para reflexões que deram origem às obras seguintes da minha produção. Com o entendimento de que o trabalho já não precisava mais de uma caixa para existir, essa questão se transformou em ponto de ignição para a criação de obras *dentro e sobre* a EBA, estabelecendo uma crítica institucional enquanto integrante da Escola. Destarte, passei a explorar suas questões políticas e estruturais observadas e vivenciadas durante a graduação, mediadas pelas relações *com e no* prédio do curso.

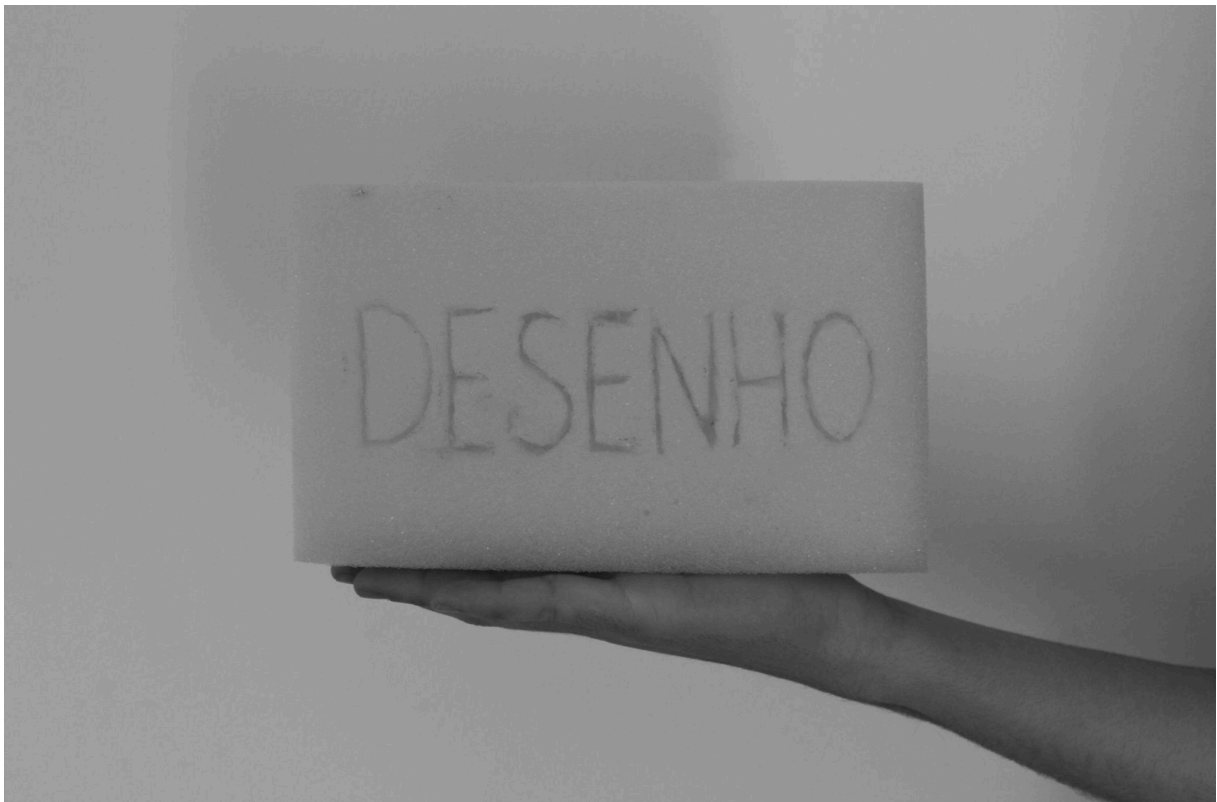


Imagem 1. Thalita Amorim, Sem título, da série Grafite sobre pele. Fotoperformance, 16 X 10,56 cm. Belo Horizonte, 2023.



Imagem 2. Thalita Amorim, Sem título, da série Grafite sobre pele. Fotoperformance, 16 X 10,56 cm. Belo Horizonte, 2023.



Imagem 3. Thalita Amorim, Sem título, da série Grafite sobre pele. Fotoperformance, 16 X 10,56 cm. Belo Horizonte, 2023.

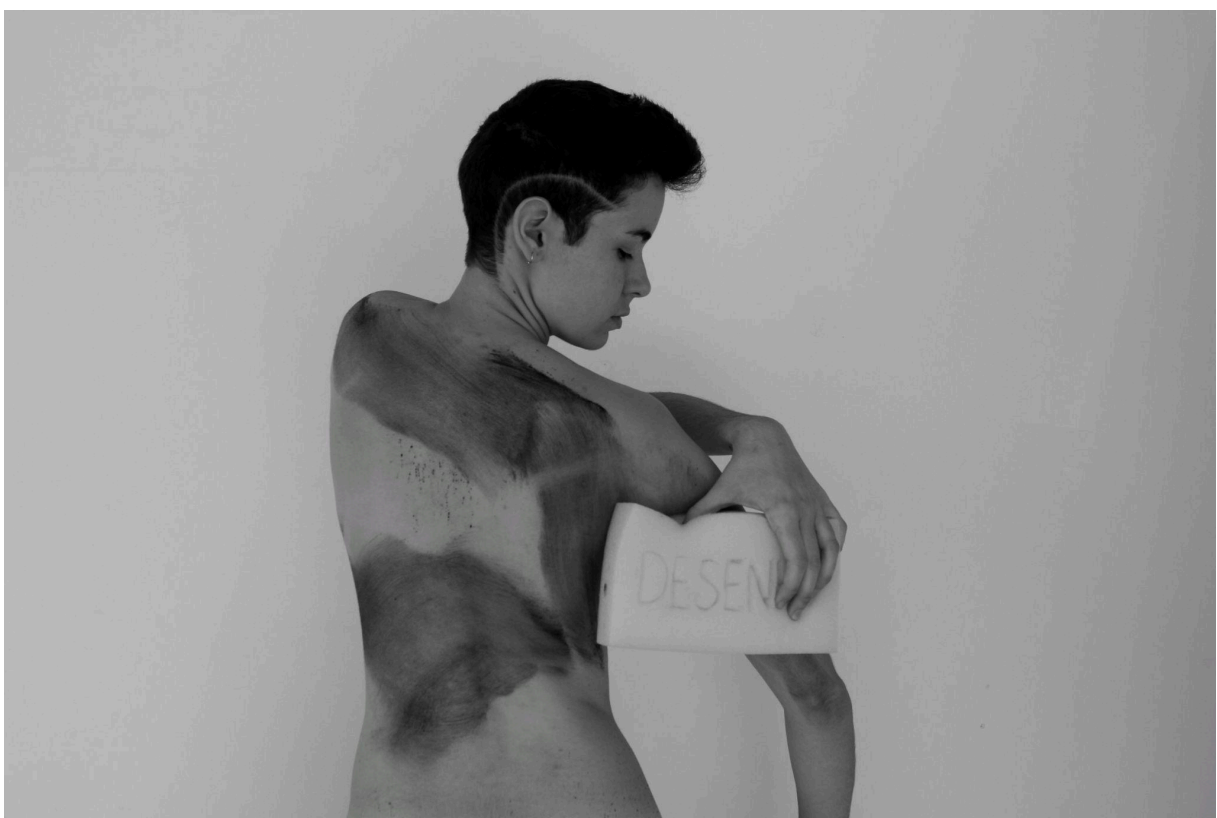


Imagem 4. Thalita Amorim, Sem título, da série Grafite sobre pele. Fotoperformance, 16 X 10,56 cm. Belo Horizonte, 2023.



Imagem 5. Thalita Amorim, Sem título, da série Grafite sobre pele. Fotoperformance, 16 X 10,56 cm. Belo Horizonte, 2023.

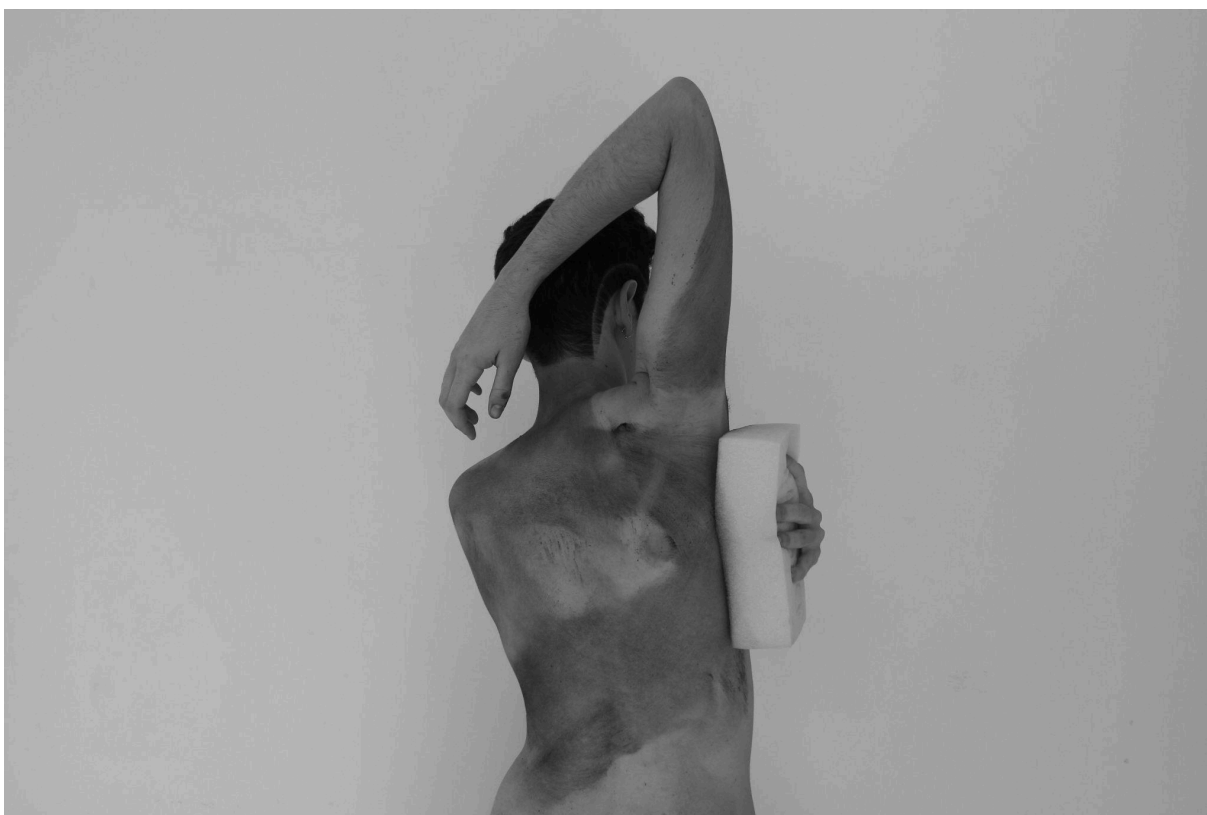


Imagem 6. Thalita Amorim, Sem título, da série Grafite sobre pele. Fotoperformance, 16 X 10,56 cm. Belo Horizonte, 2023.

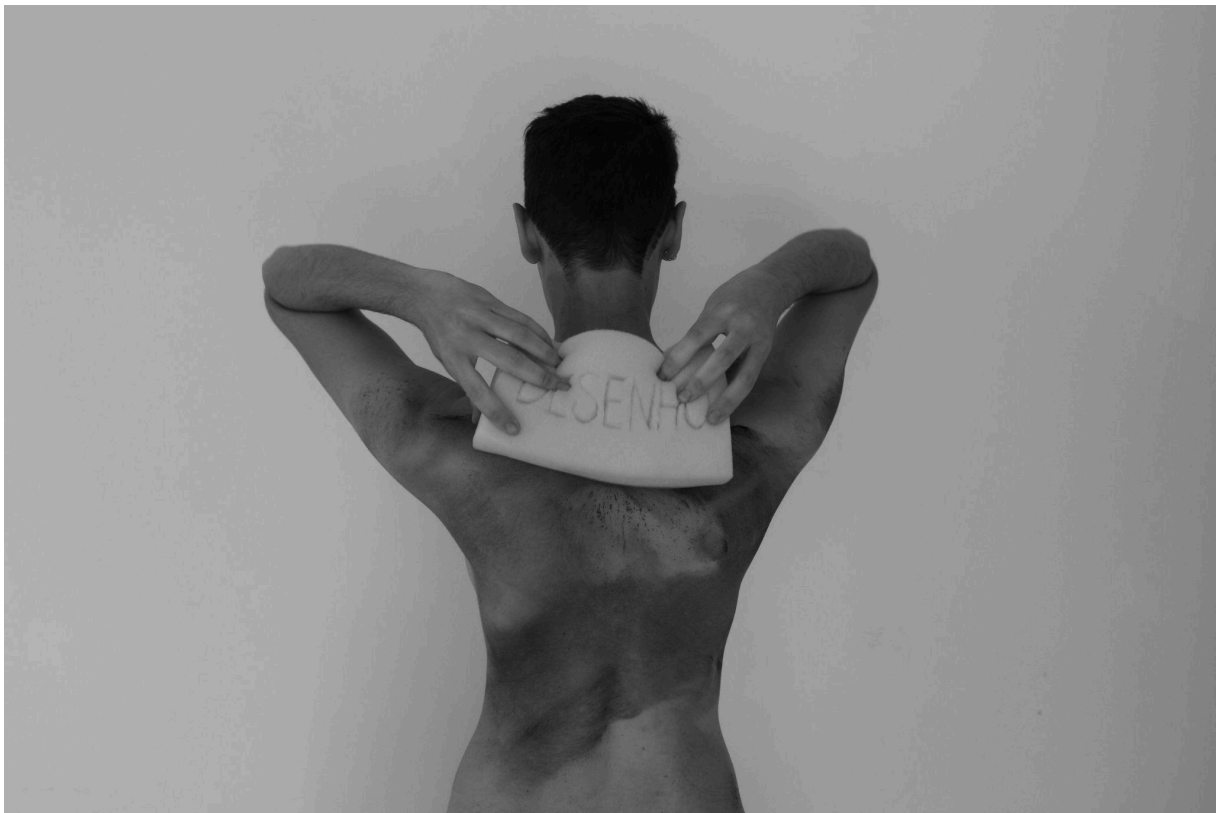


Imagem 7. Thalita Amorim, Sem título, da série Grafite sobre pele. Fotoperformance, 16 X 10,56 cm. Belo Horizonte, 2023.



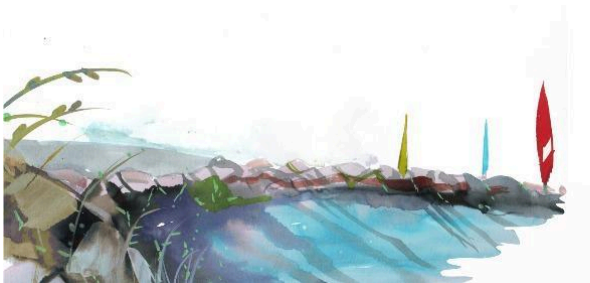
Imagem 8. Thalita Amorim, Sem título, da série Grafite sobre pele. Fotoperformance, 16 X 10,56 cm. Belo Horizonte, 2023.



Imagem 9. Thalita Amorim, Sem título, da série Grafite sobre pele. Fotoperformance, 16 X 10,56 cm. Belo Horizonte, 2023.



Imagem 10. Thalita Amorim, Grid de montagem da série Grafite sobre pele. Fotoperformance, 16 X 8,7 cm. Belo Horizonte, 2023.



Referências

KRAUSS, Rosalind Epstein. Caminhos da escultura moderna. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

TAVARES, Mariana; PIMENTEL, Lucia Gouvêa; CUNHA, Evandro (orgs.). Escola de Belas Artes - UFMG: 65 anos de ensino-aprendizagem em Artes. 1ª ed. Belo Horizonte: Ramalhete, 2024.